

CONTOS MOÇAMBICANOS



Seleção, Prefácio e Notas de Ricardo Ramos



CONTOS MOÇAMBICANOS

Seleção, Prefácio e Notas
de
Ricardo Ramos

global editora

Publicado em coedição com Livraria Universal
Av. Karl Marx, 1862/66, Maputo, Moçambique.

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Supervisão Gráfica: Nadia Basso
Diagramação e Revisão (Coord.): Fernando de B. Gião
Revisão: Gilmar Corazza
Capa: Malangatana (Ilustração)
Arte-Final: Silene Miranda
Desktop: M. Aparecida Orosco
Arley B. Santos

**Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Contos moçambicanos / seleção, prefácio e notas Ricardos Ramos. -- São Paulo : Global : [Moçambique : Livraria Universal], 1990.

ISBN 85-260-0246-5

1. Contos moçambicanos (Português) I. Ramos, Ricardo, 1929- II. Título.

90-1126

CDD-869.899679703

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos moçambicanos : Literatura portuguesa
869.899679703

Nº de catálogo: 1888

Direitos reservados:

Global Editora e distribuidora Ltda.
Rua Maria e Barros, 39
Fone: (011) 572-4473
Cep 04016 - V. Mariana
Cx. Postal 45229
São Paulo - SP

O CONTAR DE UM POVO

"Se me visses cantar
os milhões de vezes que morri"

José Craveirinha

O conto moçambicano é jovem e forte. Inicia-se em fins dos anos 40, quando o gênero surge com presença regular nos suplementos literários, preparando o livro inaugural *Godido e Outros Contos*, de João Dias (1952). Quase três décadas atrás houvera um acontecimento isolado: a edição de *O Livro da Dor*, crônicas e contos do jornalista João Albasini. Mas tal lançamento, por misto e solitário, reforça ou sinaliza o período posterior. Só a partir de então a história curta ganha relevo, entra em floração, irá assumir na sua diversidade o papel de um país.

Orlando Mendes, o estimável romancista de *Portagem* recentemente desaparecido, em *Sobre Literatura Moçambicana* localiza o tardio esforço de colonização cultural português na mesma época da eclosão do conto, ligando assim a repressão dominadora à resistência dos ficcionistas. A poesia, que viera pouco antes, já matizada, vigorosa, alcança nessa fase a sua maioridade. E os jornais, as revistas, agora não mais pioneiros, ao contrário em sucessão multiplicados, refletem no positivo conjunto um fato novo. O desencadeado processo de nacionalização da literatura de Moçambique.

Falar em alvorecer do conto na segunda metade deste século, para todos nós, é admitir um marco de contemporâneo. Entretanto, não será tão breve a realidade ficcional moçambicana. Anterior à ação colonizadora, quando a penetração cultural portuguesa era desprezível, como assinala Maria Aparecida Santilli, havia a predominância da tradição oral. Não estratificada, ou imutável, acervo de simples referência, mas evoluindo enriquecida, um sólido lastro sobre o qual se pode acrescentar e atingir a visão crítica. Sua própria denominação a elevá-la, pois a chamam oratura. Parelha à manifestação literária.

Seguindo por esses caminhos, as etapas se sucedem. A oratura, do lendário que persiste, revive e se atualiza, pois conservado e revisto em suas

Liberdade...

Exausto, desaboquei na *24 de Julho*, depois de uma longa e penosa subida pela *Filipe Samuel Magaia*. Parei e olhei para os lados, contrariado. O alinhamento dos prédios confundia-se-me com altas muralhas duma penitenciária omnipresente. Os meus olhos, subiram através das suas cores indefinidas, esculpidas pelo tempo e pela chuva, em busca da liberdade para além das alturas.

No prédio ao lado, vozes acervejadas, talvez *chikhálabissadas*, des- ciam libertinas lá de cima, entremeando-se com o ritmo animado duma música popular de *Steve Kakana*. Palmas e batimentos, no tecto dos outros, secundavam a gritaria solta a plenos pulmões. Imaginei o cenário lá dentro. Gente pior que eu, cabelos desgrenhados, corpos suados, sem camisas, veias dilatadas de calor e álcool, olhos desorbitados e vermelhos de cansaço e alegria forçada. Nas mesas e nas cadeiras, copos transbordando espuma branca em fundos doirados, e piruetas cromadas borbulhando de baixo para cima, e mulheres sorrindo, sem contestar, aos batimentos dos dançarinos. Encantados da vida!

No 2º andar do prédio em frente, entre capulanas com fraidas e cobertores garridos suspensos num magro fio preso nas duas extremidades, uma mulher jovem, de cara redonda, descascava com avidez uma cana sacarina que segurava entre as mãos. Mastigava e chupava com rapidez e jogava as cascas lá para baixo, onde carros e motorizadas se cruzavam incessantemente, indo e vindo pelas avenidas que mais me pareciam artérias de recreio da grande e moderna cadeia em que me encontrava.

Estava uma tarde quente de sábado. Muito cedo ainda, vim à cidade para fazer compras. Queria dobradiças e pregos para a porta da minha palhota, um regador para a machamba e algumas peças de vestuário. Não encontrei nada. Nas montras, os manequins sorriam nus. Procurei um restaurante para comer, mas, as cadeiras estavam todas penduradas de

PEDRO Batista CHISSANO (1956) nasceu no Ganiçado, distrito do Guijá. Filho de pai motorista e mãe camponesa, atravessou o rio Limpopo para o Chókwe, onde aprendeu as primeiras letras. Após uma infância difícil, vem para Maputo. Estudo primário em missão religiosa, secundário em escolas públicas, depois ensino comercial.

Em 1976, ingressa no funcionalismo público. Integra o primeiro grupo formado pela FRELIMO para desmontar o aparelho colonial. Viaja por várias províncias, onde acumula responsabilidades do Partido e da Administração. Em 1978, participa do XI Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, em Cuba. Em 1985, do mesmo certame internacional, realizado em Moscovo. Entre as duas datas, exerceu cargos de direcção partidária no interior e na capital, fez estágio na República Democrática Alemã. Dirigiu o Secretariado da Assembléia da Cidade, em Maputo.

Membro fundador da revista *Charrua*, foi seu coordenador. Vem também colaborando ativamente nas páginas de letras e artes da revista *Tempo*, como do jornal *Domingo*. Utiliza-se, em boa parte da sua produção literária, do pseudónimo Mikas Dunga.

pernas para o ar, em deplorável estado de choque. Noutros, os de 1ª e de 2ª, vieram homens de uniforme à porta, exibindo marfim sem simpatia, que me perguntaram se eu tinha reserva. Reserva?! exclamei. Sim, reserva, disseram eles. Como se faz isso? Ao telefone, responderam com o seu marfim sem simpatia à vista. Mas, como pode um pobre camponês como eu fazer a tal reserva ao telefone lá de Golhoza?

Cansado e cheio de fome, senti-me preso, mesmo livre. E lembrei-me das libélulas lá de minha terra, o capim alto, ondulando ao vento fresco e puro, as regiões verdes onde nasci e cresci, com bois, ovelhas e cabritos agitando caudas de fartura à altura das lombas, felizes no seu *habitat* que era também o meu. E nada me faltava. Na cantina do Lourenço, havia tudo. Nas nossas machambas, entre feixes de amendoim, o milho crescia em centenas de pés, prometendo sempre boa colheita.

Havia abóboras, *n'kaka* e *matsavu* pelos campos verdejantes, quilômetros e quilômetros. E à noite, barrigas cheias, com raparigas em volta da fogueira, dizíamos o tradicional *phá-teka-teka* e *n'karingane wa n'karin-gane*. Depois, veio Smith com o seu "napalm" e devastou tudo. O gado morreu. As machambas ficaram improfícuas... Chorei quando deixei Mapai, minha terra, com Mundau e Vicente, meus companheiros de infância. Mas, ali, nada mais havia a fazer. Ficaram as campas daqueles que pudemos enterrar e esqueletos de animais que eu tanto adorava. Em Maputo, dormíamos ao relento no bazar de Xipamanine. Ao terceiro dia, os meus amigos desapareceram com um homem gordo que falava de negócios. Ao quarto dia, um velho machambeiro levou-me para a sua propriedade em Golhoza.

Ali trabalhei ao longo de seis meses, e, depois fiz a minha própria machamba e construí a minha palhota. Nunca mais vi os meus amigos.

Um dia, pareceu-me ver o Mundau, descendo a grande velocidade pela *Karl Marx* ao volante de um *tchova-xita-duma*. Não sei se era ele. "Eh Mundaôôô", gritei. Ele olhou mas não ligou. Há mistérios que eu não entendo aqui na cidade. Cada um vive e trabalha para si, e ninguém olha para ninguém. Quando cheguei, até o meu irmão Lucas que trabalha aí nos Caminhos de Ferro, não se preocupava comigo.

Respirei fundo e senti-me nas escadas do edifício ao lado. Acendi uma polegada de *xikhâu-khâu* e fumei em silêncio. A música continuava lá em cima e com maior força então. Um milícia que vinha a passar, abrandou a marcha e olhou-me desconfiado. Milícias e policiais eram os únicos, os únicos que me olhavam com especial atenção. Um dia, prenderam-me por não possuir o bilhete de identidade. "Eh companheiro aí... documentos?" Eram dois policiais e um *gué-vé-pé*. Aproximei-me e tirei da algibeira a

minha velha cédula pessoal, dobrada em quatro partes. Desdobrei-a e soprei-a para a aliviar da poeira, e estendi-a com as duas mãos ao policial que me olhava com desdém. "Como se chama?", perguntou. "Mikas Dunga", respondi. "Bilhete onde está?" Era o mesmíssimo polícia com o seu ar de desprezo. "Ainda não está pronto", disse eu. Então, sentenciou, vai aguardar nova ordem na cadeia. Fiquei três meses e depois fui resitituído à liberdade. Agora, enquanto o milícia me olhava desconfiado, atirei os olhos ao chão para me entreter com as velhas botas que um tio *madjoni-djoni* ofereceu. Lá estavam elas, velhas e descozidas, sorrindo como dois jacarés bem dispostos. Eram a minha única consolação. Sempre que as olhava, sorria. E estava a sorrir quando uma mão rude e calosa agitou-me pela cabeça. Era o milícia. "Onde está documento?", interpelou. Pedia-me apenas um documento. Eu dei-lhe dois: o bilhete de identidade e o cartão de residente. "Aonde está cartão de taraballo?", descarregou. Tentei explicar-lhe que sou machambeiro em Golhoza, que trabalho na minha machamba... esforço inglório. Senti-me arrastado pela camisa como se arrastam cabritos com corda ao pescoço. Quis fincar os pés no chão, mas, a semi-automática, voltou-se ameaçadora contra o meu peito. E, ao som de *Steve Kakana*, deixei-me arrastar, manso como um cordeiro até que, numa delitosa manhã de agosto, voei pela primeira vez num *Boeing 737*. As lágrimas pingaram nas minhas calças de ganga encardida. O meu corpo estremeceu. Um calafrio percorreu-me a espinha de pólo a pólo. "A minha palhota, a minha machamba... não sou improdutivo", apeteceu-me gritar. "Não, não vale a pena, agora é tarde", parecia dizer o poderoso barulho das turbinas do avião. E, sem forças, vencido pelo *Poder*, recostei o corpo no sofá cujo conforto se diluía num pesadelo. O meu destino, estava confiado à fuselagem do avião, voando a milhares de pés de altitude!

Chikhálabissadas --- De chikhálabissa, bebida tradicional.

Nkaka, matsavu --- Hortaliça.

Phá-teka-teka --- Adivinhas.

N'karingane wa n'karingane --- Estórias (era uma vez...).

Golhoza --- Bairro rural da cidade de Maputo.

Tchova-xita-duma --- Carroça e tração humana.

Xikhâu-khâu --- Tabado enrolado numa folha de papel.

Gué-vé-pé (GVP) --- Grupos de Vigilância Popular.

Madjoni-djoni --- Emigrante moçambicano na África do Sul.

O Candidato

No céu do antigo armazém de tecidos da fábrica de têxteis voava uma enorme restolhada, uma mistura cheia de gargalhadas, de arrasto de velhas cadeiras metálicas e palmas desordenadas de operários e burocratas.

— Faz favor, faz favor! Abaixa barulho camaradas! O camarada Xihua está só a levar-nos tempo. Eu acho que esse camarada não reúne mesmo condições. Para já... para já o camarada Xihua anda contra a linha da ordem do nosso povo. Tem três mulheres. Uma está aqui, Maputo, outras duas lá na terra, Massinga. A outra lá na terra, é uma minina que nem mama tem... — Outra vaga de gargalhadas abate-se sobre a sala, sublinhada com pés batendo contra o chão e assobios, lá no fundo, entre um grupo de jovens mecânicos.

— Viva a FRELIMO!

— Viva!

— Viva o Partido Frelimo!

— Viva!

— Abaixo o barulho!

— Abaixa!

— Camaradas! — Fala um membro da brigada de estruturação do Partido, enviado para dirigir o processo de criação da célula do Partido na fábrica — Camaradas! Assim não podemos trabalhar. Isto não é característica do operário: “O mundo é dos trabalhadores”, não conhecem estas palavras, da “Internacional”? Agora, como é assim? Como é que vamos dirigir os destinos do mundo, assim? Estamos aqui com camaradas chefes do Comité Provincial, estão aqui para trabalhar conosco, sacrificarem-se pela maioria. Como é, afinal? Se um camarada fala, outro pensa que não acha assim, então se quer opinar levanta o dedo e há de falar quando o outro acabar. É ou não é?

— É.

TOMÁS VIEIRA MÁRIO (1959) nasceu em Homoine, província de Inhãmne. Jornalista de profissão, estendeu sua atividade além dos órgãos da imprensa diária, colaborando regularmente na revista *Tempo* e em programas culturais de rádio. Como preocupação, ou destinação, paralela, vem-se dedicando à literatura. Géneros cultivados: conto e crónica.

É membro efetivo da AEMO (Associação dos Escritores Moçambicanos) e faz parte do conselho de coordenação da revista literária *Charua*, em cujas páginas muitas vezes aparece sob o pseudónimo de Tomás Vimaró.

Desempenha, atualmente, as funções de delegado da Agência de In-formações de Moçambique (AIM) em Lisboa, Portugal.

— É ou não é?

— É.

— Heim?

— É.

— Já que os camaradas dizem que é, então vamos entoar uma canção, para salientarmos a nossa força, está bem?

— Está.

— Ife ana Frelimo zowona.

“Tina badwa ku Moçambique”

“Ife ana Frelimo zowona”

.....

— Portanto, obrigado. Continua lá a falar, camarada...

— ... Faduco. Sou camarada Faduco. — Para testar o microfone soprou duas vezes, tossiu, continuando: — Sim, eu estava a dizer que aqui o nosso camarada Xihua tem três mulheres, a outra, lá na Massinga, é uma minina piquinina assim, parece mesmo filha dele. Agora como é? Três mulheres: não é polígamas? Na minha opinião eu acho que é. Era essa a minha contribuição. Obrigado.

— Bom, ouvimos mais uma informação sobre a vida do camarada Xihua, candidato a membro do Partido. Nós, antes de lhe darmos a palavra, para ele próprio responder, gostaríamos de frisar aqui um aspecto. O Partido Frelimo, criado no terceiro congresso, é síntese das largas experiências passadas, conquistadas durante a luta armada contra o colonialismo-fascismo retrogrado do regime Salazar. É um Partido de novo tipo...

— De tipo novo — corrigiu o chefe da brigada, falando baixinho.

— De tipo novo, para criar as bases materiais e espirituais do socialismo científico, quer dizer de uma nova sociedade em Moçambique. Uma sociedade não pode aguentar ser criada com camaradas polígamas...

— Com licença, camarada chefe. Eu acho que...

— Um momento, um momento só, camarada Xihua! Há de ter tempo para opinar. Nós estamos aqui para ouvir todos. Se é preciso, vamos acabar duas, três, quatro semanas aqui mesmo. Como estava a dizer, a Frelimo é um Partido do proletariado. Mas quando um camarada proletariado é polígama, faz bebedeira, fanatismo, bate na mulher... então com certeza não tem consciência...

— ... de classe. Não tem consciência de classe — interveio, de novo, o chefe da brigada.

— Sim, não tem consciência de classe do proletariado. É ou não é?

— É.

— É ou não é?

— É.

— Pronto: camarada Xihua, você é candidato do membro do Partido. Mas o camarada fomenta corrupção sexual para opressão da mulher: como é? Agora pode responder a contribuição do camarada...

— ... Faduco — completou, de novo, o próprio, gritando, lá do fundo da sala.

— Fala lá, camarada Xihua.

— Obrigado! Eu acho que é boateiro o camarada... Faduco. É que aqui na República Popular há boato demais, não pode ser! Outra vez se calhar problema do camarada Faduco é inveja, porque ele é de lá, da minha terra, Massinga.

— Camarada Xihua aqui não há “minha terra”, “tua terra”: o povo está unido do Rovuma ao Maputo. Abaixo tribalismo!

— Abaixa!

— Continua lá, então.

— É que parece o camarada Faduco quer fazer reacção contra-revolucionário contra mim, inveja de mim só mais nada. Ele diz ah, o camarada Xihua tem minina não sei quê na Massinga, eu?! Isso é boato completamente. Eu acho que ele tem inveja porque foi rejeitado pelos trabalhadores, por causa de obscurantismo dele. Camarada Faduco, quando você fazias obscurantismo lá na Massinga, com nhamussoro curandeiro ultrapassado, para vencimento ser aumentado eu não falei que isso é uma coisa das sequelas tradicionais do feudal? Responda lá, então!

— Olha camarada Xihua, abaixo o diálogo! Esclarece só esta situação para encerrarmos a sessão de hoje: quem sabe trabalhar sabe descansar.

— Obrigado. O problema é que esse camarada está confusional muito. A mulher que agora tenho é só essa só mais nada. Mesmo a camarada Ô-ÊME-ÊME sabe completamente.

— Camarada secretária da OMM: como é?

— Somos vizinha, com camarada Xihua, no Nhagoia. Eu não sei sobre das outra mulher desse camarada. Quando que ele fez devôrce com outra mulher ranjou essa mesmo que vive junto com ela, só. Sobre da situação na terra dele eh! só estou a ouvir camarada Faduco dizer aqui. Obrigado.

— Bom, camaradas, vamos encerrar a sessão. Vamos continuar amanhã. O camarada vai esclarecer a situação do seu divôrce com a primeira mulher. A camarada secretária da OMM — falava o chefe da brigada, olhando, a seu lado, a secretária da OMM na fábrica — tem que acompanhar esta situação da questão da emancipação da mulher.

O Barrigudo

(em memória das vítimas da Matola, 23 de maio de 1983)

Mergulhada num manto aveludado de caniços e mangueiras, a planície abraçava-se em carreiros caprichosos e deixava-se baloiçar, açoitada pelo fluxo e refluxo do dia e da noite.

Ouvia-se o cicio do mar, em mensagens que ninguém sabia decifrar. Presumia-se ser a promessa de presença eterna; a monótona insistência, porém necessária de banhar a areia; o prazer de morrer em espuma alva.

Madrugada. O vento soprava suave. Passarinhos chilreavam. Um galo cantava, rouco, o acorde matutino do despertar.

Para lá das distâncias, sacudindo as nuvens, o sol abria-se lentamente, ativo, e os seus raios vinham, foscos, morrer na cacimba que contornava a paisagem.

No fundo, entre duas mangueiras tentando em vão imitar o cogumelo, uma palhota lutava desesperadamente com o tempo que parecia mover um cerco cada vez mais apertado. Mas não seria ainda a próxima chuvada, o próximo vendaval que a levaria a tombar para sempre naquela terra enegrecida.

Bedji afastou a esteira que fazia de porta, espregueitou, saiu espregueitando-se e sentou-se na pedra. O tronco, forte e recto, terminava com uma barriga excessivamente avolumada e era suportado por duas pernas curtas, mas robustas. A face, muito expressiva, pressupunha um caráter firme, corajoso, e resumia dez anos de existência dura, mas feliz, naquela planície de caniços e mangueiras.

“O barrigudo”, saiu-lhe a alcunha, na escola. Afinal era mesmo barrigudo! Mas todos os rapazes estavam avisados:

— “Barrigudo é tua mãe, se queres porrada diz”.

Podiam testemunhá-lo o olho do Fonseca que ficou uma semana quase a arrebeitar de inchaço, ou o dente do Manuel que se perdeu na poeira do pátio da escola, numa encrancia renhida.

HÉLDER MUTEIA (1960) nasceu em Quelimane, província de Zambeze. Fez os cursos primário e secundário na sua cidade natal. Em 1979, mudou-se para Chimoió, província de Manica, onde se matriculou no Instituto Agrário.

Começou nessa altura a sua atividade literária, escrevendo contos e poemas. Terminado o curso, em fins de 1981, transferiu-se para a cidade de Chóhwe, na província de Gaza, onde exerceu a sua atividade profissional por um ano e meio. Depois, já na Empresa Nacional Avícola, veio para Maputo. E, em 1985, matriculou-se na Faculdade de Veterinária da Universidade Eduardo Mondlane.

É fundador e membro do conselho de coordenação da revista *Charuta*, sócio efetivo da Associação dos Escritores de Moçambique. Anuncia, para breve, o livro de poemas *Verdades dos Mitos*. Tem em preparo a novela *A Febre de Bataque*.

— “É p’ra aprender” — advertia.
Mas aqueles traquinas aprendiam era a medir a distância antes de gritar.

— “Barrigudooooo... barriga barrigaaa...”
Ali, há escassos metros da palhota, Bedjú assistia a uma massaroca que ia levemente explodindo no meio duma fogueira. Pegou numa vara, espalhou a brasa e ajeitou a massaroca.

Só, naquele mundo que já era parte de si mesmo, vieram-lhe, envoltas de cores, as imagens da mãe que devia estar na machamba, e do pai que talvez já tivesse chegado da fábrica. Era feliz, na planície, ninguém o tratava por “o barrigudo”, aliás, todos o meninos ali eram barrigudos. Era apenas o menino de mamana Briana, traquino que nem pai dele quando era dançador de xigubo”. Andava por vezes de palhota em palhota à procura de “maheu” para empanturrar sua barriga arredondada e vir depois, estafado, deitar-se à sombra de uma mangueira qualquer. O maior prazer sentia-o quando embrenhado nas suas correrias normais por entre os carreiros ouvia a mãe chamá-lo, num grito que transbordava por toda a planície: “Bedjuoooouu”. E vinha a correr por caminhos inventados, como se fosse guiado por uma força sobrenatural. “O Barrigudo”.

A madrugada pairava, fria, com um vento irrequieto que obrigava a canical a vergar-se alternadamente, ora para a esquerda ora para a direita, e as folhas das mangueiras a entrecocarem-se e murmurarem.

Ouviu-se um canto, fino, melódico. Uma toutinegra, de certo. Bedjú esticou o pescoço e abriu os olhos atentos. Um canto de toutinegra. Um canto que ecoou nos seus tímpanos, envolveu-os, e já ficou: “Dwé... dwé... dwé...”, repetia.

Na fogueira, a massaroca explodia levemente. Era, entretanto, preciso apanhar a toutinegra, dar-lhe um tiro de raspão e apanhá-lo vivo. Empunhou a figa de borracha que trazia pendurada no pescoço como se fosse um colar, recolheu algumas das minúsculas esferas de barro que cuidadosamente moldara para servirem de balas, e mergulhou-se no capim. Andou em bicos de pés com mestria implacável, buscou a presa, baixou, fez pontaria e disparou...

O sorriso vaidoso que trazia nos lábios fundiu-se e transformou-se num esgar, a presa fugira. E ele que tanto ansiava ter uma toutinegra, que acompanhasse o cantar do galo, que preenchesse a gaiola deserta e que seria o seu maior amigo.

Não chorou, o bravo caçador nunca chora. Andou ainda alguns passos com a figa armadilhada, ergueu o busto e seguiu os contornos do céu. Este exibia um azul acinzentado com pequenos, quase invisíveis, flocos de

nuvens espalhadas.

De súbito, a terra estremeceu e um barulho estridente espalhou-se, ao mesmo tempo que vários pássaros inundavam os ares velozes, sinistros... eram “PÁSSAROS de FERRO”. Faziam mil avarias, rodopiavam e punham lá em cima os “OVOS” que, quando chegavam cá em baixo, explodiam... Bedjú sentiu-se sacudido e, acto contínuo, caiu por terra. Sangrava abundantemente e uma dor aguda cingia-lhe a perna esquerda. Arrastou-se, tentou levantar-se e voltou a cair. Abriu os olhos, pestanejou várias vezes e reparou que a palhota ardia em altas labaredas. Gritou, aterrado. Ninguém certamente o ouviria. Ergueu-se novamente, tentou fugir, mas a dor intensa estendeu-o pesadamente por terra ao terceiro passo. Rebolou e quedou-se de barriga para o ar, mirando a silenciosa viagem das nuvens em namoro, sob a capa azul do céu. Os seus lábios torciam-se numa espécie de sorriso e tremiam ansiosos de uma palavra de dor. Nem uma lágrima nos olhos.

Fraquejava, e tudo se avermelhava à sua volta. Ódio, um ódio indefinido, aos homens, aos pássaros, à terra, ao sol se erguendo altivo, ao fogo e, finalmente, à si mesmo, àquele farrapo envolto de sangue que se acobardava e nada fazia, claudicava, amolecia... Reuniu todas as forças de que era capaz e murmurou em “mensagem confidencial”:

— “Estes são os pássaros que eu devo caçar. Juro fazer uma figa maior e mais certa para destruir estes monstros e os seus ovos...”

Um novo estrondo sacudiu-o, expelindo-o violentamente para o capim, onde permaneceu imóvel, inerte, para sempre.

Terminava assim, com dez anos apenas, uma existência dura, mas feliz, naquela planície de caniços e mangueiras. Por engano, certamente, ninguém seria capaz de odiar um pobre barrigudo, sendo crime sê-lo, a ponto de lhe fazer explodir as entranhas. Mesmo pensando como o feiticeiro Maposse, para quem o mal viria de uma eventual infidelidade de mamana Briana, em noite fria de lua cheia.

(Naturalmente que o leitor não compreenderia, pois nestas coisas os pormenores escapam, se lhe dissesse que uma “mensagem” assim tão crua, tão pessoal, dita nas garras da morte, mesmo sem ninguém a escuta, dá direito a outra morte duplamente pior. Pois então repara se não é mesmo de criar raiva, ver por aí gente armada, nem que seja com uma figa, erguendo “manhas e manias”!?)

A manhã voltou a pairar, silenciosa, ouvindo-se muito ao longe um fio sinuoso de lamentações.

No meio da brasa, perto do que seriam as cinzas da palhota, uma massaroca explodia levemente. E ninguém chorava a morte do “barrigudo”. Ninguém adivinhava que ali, a escassas centenas de metros, entre caniços,

mangueiras e carreiros caprichosos, morava um barrigudo que era imprescindível mandar para o outro mundo.

À noite, mamana Briana cantou ao luar inchado versos de amarga saudade, e lavou-se em lágrimas das culpas de mulher infiel, em noite fria de lua cheia:

*“Meus olhos tremem de dor
Mas a minha maior dor
É ser mãe, ser mulher
Mamanooooo...”*

*Amanhã os galos vão cantar
Vão toda a gente acordar
Mas o sono do meu filho
É sono eterno, aiééé”*

Há sentimentos que não se escondem, nem pintados com a cor negra do luto que usamos. Há factos que transbordam das capacidades de uma mãe que nada tem a haver com o *napalm*, nem com quem a inventou; factos que tão pouco podem ser resumidos numa estória como esta.

Naquela noite, os batiques não soaram.

CASTIGO ZITA

Os Velhos